

ZYGMUNT BAUMAN, O OUTSIDERTarcísio Vanderlinde¹**RESENHA**

BAUMAN, Zygmunt. Isto não é um diário; tradução Carlos Alberto Medeiros.

Rio de Janeiro: Zahar, 2012, 252 p.

Atento aos editoriais do *Le monde* e do *New York Times*, Zygmunt Bauman constrói reflexões sequenciais sem caracterizar com isso um diário, daí o nome do livro. Contudo, um testamento resumido e alguns dados autobiográficos são disponibilizados ao leitor a partir da narrativa de sua emigração compulsória da Polônia em 1968 e posterior acolhida na Inglaterra. “País tão maravilhosamente hospitaleiro em relação aos estrangeiros, embora sob a condição de que não pretendam ser nativos” (p.248). A crise imobiliária de 2008 bem como a falta de perspectivas de vida aos jovens que concluem os cursos universitários podem ser considerados elementos chaves que motivam Bauman a pensar e redigir, uma vez que costuma dizer sentir-se incapaz de pensar sem escrever.

Considerando outros textos já publicados, Bauman continua visualizando um mundo pouco hospitaleiro em um processo marcado por uma exclusão social sem precedentes. No texto relembra a perda de sua companheira Janina e lamenta ter descoberto tardiamente José Saramago de quem empresta palavras para discutir a “morte moral do país de Verdi” a partir da ascensão de Berlusconi ao mundo dos negócios e da política.

Não é surpresa para o leitor acostumado, a confissão onde Bauman revela sua incapacidade de pertencer a alguma

¹ Doutor em História com Pós-Doutorado em sociologia. Docente da Unioeste nos Programas de Geografia e Sociedade, Cultura e Fronteiras. Email: tarcisio.vanderlinde@unioeste.br

Tarcísio Vanderlinde

comunidade intelectual tendo em vista uma “claustrofobia incurável”, algo que o faz se sentir “desconfortável em qualquer sala fechada, sempre tentando descobrir o que está do outro lado da porta. Acho que estou destinado a permanecer um outsider até o fim, faltando-me, como me faltam, as qualidades indispensáveis a um insider acadêmico” (p.103). No diálogo com o leitor, Bauman vai além, ao questionar a forma como são avaliadas as revistas científicas, que em sua visão, se caracterizam por uma repetitividade absurda e, por constatar que 60% ou mais dos artigos jamais serem citados posteriormente. Na conclusão de Bauman, a avaliação por pares não é garantia de isenção científica. “Com certa ironia, eu sugiro que, se nossos ancestrais da Idade da Pedra tivessem descoberto a máquina de avaliação por pares, ainda estaríamos sentados nas cavernas” (p.111).

Ele próprio, um exilado político, avalia que se vive hoje numa era de grandes deslocamentos. Por outro lado, os governos estimulam as pessoas a suspeitar dos nômades ou dos que se deslocam. Mesmo que os grupos nômades se esforcem por se sedentarizar, os governos forçam estes grupos a serem nômades novamente e com isso reforçam o argumento para desqualificá-los. Os gestores costumam ainda interpretar os nômades como uma questão de segurança diante dos seus eleitores. “Os políticos estão ávidos por satisfazer esses anseios. Estão prontos a lucrar com a intranquilidade, o desconforto, e a ansiedade dos ‘estabelecidos’ diante dos ‘outsiders’, mostrando que as autoridades de fato se interessam pela segurança de seus súditos e estão preparadas para protegê-los do perigo” (p.38).

Outra constatação do autor é que na sociedade líquida, a verdade, enquanto atitude tem perdido credibilidade para a mentira, que adquire um estranho valor e que circula impunemente tornando-se uma espécie de “outra verdade”. Tornou-se a “novilíngua” sobre a qual profetizou George Orwell em seu romance político “1984”. A mentira parece estar em alta e poucas sobranceiras parecem dispostas a se erguer ao saber que outro político foi apanhado em mentira. De acordo com Bauman seria preciso recuperar a confiança na possibilidade da verdade. “As rotinas de mentir, negar a mentira

RESENHA

ZYGMENT BAUMAN, O OUTSIDER

e depois desdizê-la só agregam valor ao entretenimento dos políticos, virtude nada desprezível num mundo obcecado e viciado por entretenimento” (p.47).

O fundamentalismo da ciência nos tempos líquidos é também captado por Bauman. Curiosamente, neste particular, a ciência acaba adotando procedimentos religiosos. Ao rivalizar pelo poder com a religião, a ciência tornou-se intolerante criando uma extensão secular do monoteísmo e instituiu um monoteísmo sem Deus. Criados na era da ciência e tecnologia estaríamos sendo constantemente preparados para acreditar em cientistas como sacerdotes, mensageiros da ciência. “As pessoas que falam pela ciência moderna e advogam sua superioridade metodológica sobre as crenças religiosas encobrem o fato de que, em última instância, o conhecimento transmitido pelos cientistas também é aceito com fé e confiança” (p.61). Por outro lado, a política também parece se “religionalizar” operando no mesmo espaço que a religião: o da incerteza humana. “Visam conquistar, colonizar e anexar o mesmo território, vacilando sempre entre aliança, competição e inimizade” (p.80).

O “velho” e o “novo”, metáforas já utilizadas por outros pensadores para entender sua época é exercitado por Bauman nas seguintes palavras: “O ‘velho’ que está perdendo força e poder de ação é o fatiamento do planeta em ordens locais só de nome soberanas, baseadas na superposição e na coagulação cada vez mais fictícias de território, Estado e nação. O ‘novo’ que até agora fracassou em demonstrar sua presença é uma ordem global, genuinamente ‘ecumênica’, com base na comunidade humana planetária” (p.99).

A sociedade do consumo é sempre uma temática que cativa o autor em inéditas análises. No fragmento intitulado “Sobre multitarefas” Bauman observa que os especialistas em marketing conseguiram a proeza de ampliar o dia de consumo ao criar mecanismos para que o cliente possa fazer várias coisas ao mesmo tempo. Obviamente, o alvo preferencial são os mais jovens que também costumam se revelar mais habilidosos em espremer o tempo. O exemplo mais banal é aquele relacionado às necessidades básicas como comer e beber. “Comer e beber foram os candidatos mais evidentes para ocupar o topo das

RESENHA

Tarcísio Vanderlinde

atividades de consumo: você pode ingerir fast-food enquanto dirige um carro, quando está na fila para comprar um ingresso de teatro ou assistindo um filme ou jogo de futebol” (p.30).

A nova forma de eliminação física de pessoas pelo mundo se afirma com a guerra contra o terrorismo. Nela os efeitos colaterais podem se mostrar devastadores. É o “globocídio” levado a efeito pelo uso do drone. Matar com drone têm algumas vantagens assépticas. Uma delas é que não perturba a consciência de quem aperta o botão. [...] “em tempo real pode estar desempenhando outra função latente (além de matar) e não declarada: a de isentar o operador da culpa moral que o assaltaria caso fosse incumbido de selecionar os condenados a executar; e, o que é ainda mais importante, ele deixa o operador seguro se ocorrer um erro, ele não será acusado dessa imoralidade” (p. 167-168).

As referências a Walter Benjamin e ao seu emblemático texto “O Anjo da História” voltam nestes escritos no fragmento “Sobre o Anjo da História, reencarnado...”. O texto de Benjamin é uma crítica ao discurso ufanista do “progresso”. “Não somos impelidos por um futuro luminoso, insistiu Benjamin, mas repelidos, empurrados e forçados a correr pelos horrores sombrios do passado” (p.131). Mas o que aconteceu com este anjo, indaga Bauman, uma vez que se trata de discutir sua reencarnação? O autor responde: “Como tantas outras intenções, projetos, funções e promessas de ação coletiva administrada pelo Estado, disfarçados de ‘progresso’, ele foi privatizado” (p.132).

Apesar de sua curta presença na longa história da humanidade a internet já permite algumas conclusões filosóficas. Ela seria o presságio da visibilidade para os invisíveis, da audibilidade para os mudos, da ação para os incapazes de agir. No entanto ela também pode ser um meio que revela nossa humanidade. Ao citar Josh Rose, diretor de criação da agência de publicidade Deutsch LA, Bauman observa que “a internet não rouba nossa humanidade, ela a reflete. A internet não entra em nós, ela mostra o que temos por dentro” (p.224).

Contudo, um dos aspectos mais cruéis da modernidade líquida se revela aos jovens na forma de ausência de perspectivas

RESENHA

ZYGMENT BAUMAN, O OUTSIDER

para o futuro. Os recém-diplomados podem se defrontar com um final incerto após os anos de formação acadêmica. Antes havia a crença de que o ponto de chegada dos pais seria o ponto de partida dos filhos. Com o acréscimo de contingentes redundantes, o que se vê agora é a possibilidade real de mobilidade social descendente a despeito da qualificação profissional que se carrega. O futuro é ainda mais incerto à medida que universidades abandonam a pesquisa e se voltam para formações rápidas associadas ao volátil mercado de consumo. “Havia uma luz brilhante, ofuscante, no fim de cada um dos poucos túneis que seus predecessores foram forçados a atravessar no curso de suas vidas; agora, em vez disso, há um túnel longo e sombrio atrás das poucas luzes que piscam, tremulam e se apagam depressa na vã tentativa de romper a escuridão” (p.156).

Caberá ao leitor se defrontar com outras análises não menos criativas do outsider ao ler os fragmentos escritos de setembro de 2010 a março de 2011. Diante das análises sombrias da modernidade líquida que marcam o jeito Bauman de redigir, não se poderia deixar de concluir a resenha sem lembrar uma passagem otimista que consta num texto que se tornou grande sucesso do autor no Brasil há alguns anos. “Nosso consolo (o único disponível, mas também – permitam-me acrescentar – o único de que a humanidade necessita quando cai numa era sombria) é o fato de que a história ainda está conosco e pode ser construída. De fato. A história não terminou, de modo que escolhas ainda podem ser feitas – e inevitavelmente serão” .

Recebido em: 19/02/2014 - Aceito em: 17/07/2014

RESENHA